

Fraternidade Complexa: Fronteira da Teologia Católica e da Complexidade de Morin

**Complex Fraternity:
Frontier of Catholic Theology and Morin's Complexity**

**Fraternidad compleja:
Frontera entre la teología católica y la complejidad de Morin**

Recebido: 30/06/2026

Aceite: 29/09/2026

Rodolfo Gasparini Morbiolo

Doutor em Teologia (PUC-SP, 2025)

Instituto de Teologia "São João Paulo II" (Sorocaba/SP)

Av. Dr. Eugênio Salerno, 100 – Sta. Terezinha (Sorocaba/SP)

rodolfo.morbiolo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5866-098X>

RESUMO

O presente artigo ensaia uma reflexão entre a teologia católica, presentificada no magistério ordinário do Papa Francisco, e a complexidade de Edgar Morin considerando a temática da fraternidade como fronteira epistemológica, uma vez que ocupa espaço de aprofundamento em ambos os horizontes científicos consolidados na academia; para isto, apresenta os resultados da pesquisa bibliográfica desenvolvida entre 2022 e 2025, e já concluída e defendida sob a forma de tese de doutoramento, depositada pelo autor em 2025 à PUC-SP, na qual reflete a fraternidade universal proposta pelo Papa como um conceito capaz de dialogar com a complexidade, com vistas a tão desejada religação de saberes de Morin. O mundo pós-pandêmico vê a necessidade de colaboração mútua como indispensável para o progresso e sustentabilidade. Tal colaboração, radicada na realização histórica, não se compreende possível senão por um processo de humanização (hominização) que partindo da igualdade fundamental que torna todos e todas, irmãos e irmãs entre si, muito bem situados no ambiente natural e cultural que os abriga e sobre o qual interagem em contante processo de metamorfose. Após a definição dos horizontes epistemológicos da teologia e da complexidade, desenvolve-se o conceito de fraternidade em ambas, compreendendo aproximações e limites.

Palavras-Chave: Fraternidade. Teologia. Edgar Morin. Complexidade.

ABSTRACT

This article explores the intersection between Catholic theology—as articulated in the ordinary magisterium of Pope Francis—and Edgar Morin's theory of complexity, focusing on the theme of fraternity as an epistemological frontier; this theme represents a significant area of inquiry within both academic fields. The study presents findings from bibliographic research conducted between 2022 and 2025—culminating in a doctoral thesis submitted

to PUC-SP in 2025—which examines the universal fraternity proposed by the Pope as a concept capable of engaging in dialogue with complexity theory, thereby fostering Morin's much-desired "relinking of knowledge." The post-pandemic world recognizes mutual collaboration as essential for progress and sustainability. Such collaboration, rooted in historical reality, is only conceivable through a process of humanization (hominization) that begins with the fundamental equality making all individuals brothers and sisters—firmly situated within the natural and cultural environment that shelters them and with which they interact in a constant process of metamorphosis. After defining the epistemological horizons of theology and complexity theory, the article develops the concept of fraternity within both frameworks, identifying points of convergence and limitations.

Keywords: Fraternity. Theology. Edgar Morin. Complexity.

RESUMEN

El presente artículo propone una reflexión que vincula la teología católica —presente en el magisterio ordinario del Papa Francisco— y la complejidad de Edgar Morin, considerando la temática de la fraternidad como una frontera epistemológica, dado que constituye un ámbito de profundización en ambos horizontes científicos consolidados en el ámbito académico. Para ello, se presentan los resultados de una investigación bibliográfica realizada entre 2022 y 2025 —ya concluida y defendida como tesis doctoral ante la PUC-SP en 2025—, en la cual se analiza la fraternidad universal propuesta por el Papa como un concepto capaz de dialogar con la complejidad, con miras a lograr la tan anhelada «revinculación de los saberes» planteada por Morin. El mundo pospandémico percibe la colaboración mutua como algo indispensable para el progreso y la sostenibilidad. Dicha colaboración, arraigada en la realidad histórica, solo se concibe posible mediante un proceso de humanización (hominización) que parte de la igualdad fundamental —que hace que todos y todas sean hermanos y hermanas entre sí— y que los sitúa adecuadamente en el entorno natural y cultural que los acoge, donde interactúan en un constante proceso de metamorfosis. Tras definir los horizontes epistemológicos de la teología y de la complejidad, se desarrolla el concepto de fraternidad en ambos ámbitos, examinando sus puntos de convergencia y sus límites.

Palabras clave: Fraternidad. Teología. Edgar Morin. Complejidad.

1 INTRODUÇÃO

O saber teológico enquanto ciência passou por transformações muito profundas ao longo do século XX. Na verdade, como refletiu o teólogo reformado alemão Jürgen Moltmann (1984), a teologia tem sofrido profundas transformações desde o século XIX, e ao longo do último século encontrou um caminho de realização teórica e prática muito diferente de tempos anteriores, também influenciada em âmbito católico pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), pela consideração do contexto histórico e das vicissitudes do tempo presente.

A teologia católica pós-Vaticano II também sustenta essa mudança de perspectiva (Passos; Sanchez, 2015): de uma teologia dialógica apenas com as fontes da Revelação

Divina, isto é, os lugares teológicos fundamentais, a saber: Sagrada Escritura, Tradição Apostólica e Magistério dos Bispos, para uma teologia, por assim dizer, secularizada, isto é, em diálogo com um novo eixo: os desafios sociais, políticos, econômicos, científicos, enfim culturais, de hoje.

Tal caminho de maturidade na reflexão e ação ficou evidente pela noção de ecologia integral no âmago do pensamento magisterial do Papa Francisco (*Laudato Sí* – LS, 62), como também com a escolha do atual Papa Leão XIV de trazer o tema da Inteligência Artificial para sua primeira comunicação oficial sob a forma de Carta Encíclica (*Magnifica Humanitas* – MH, 43).

Assim, de uma teologia focada no aprofundamento de sua própria identidade revelacional, o século XX, viu surgir uma reflexão teológica capaz de valorizar e dialogar com o contexto histórico atual, e, usando jargão teológico latino-americano, com as necessidades de “libertação”, sejam elas sociais, políticas, econômicas, culturais, ambientais, *etc.* (Gibellini, 1998).

A própria teologia latino-americana experimenta transições e aprofundamentos: e de uma teologia contextual de libertação, radicada no chamado método “ver-julgar-agir” (Brighenti, 2022; Ferreira, 2016), bem consolidada historicamente pela preocupação com os pobres e miseráveis, os pensadores latino-americanos já estão convidados hoje a compreender as “transformações teológicas” neste bolsão cultural (Brasileiro *et al.*, 2023), considerando inclusive os “novos sinais dos tempos” em busca de novos horizontes para o diálogo teológico (Gonzalo; Palazzi, 2018).

Tal autorreformulação teológica católica expressa-se como verdadeira “arte de formar-se”, como ensaia o teólogo João Batista Libanio (2002), para quem Morin, e as teorias de complexidade, já são considerados indispensáveis no processo do aprender e pensar (Libanio, 2002, p.19-24). No interior deste novo espaço epistemológico tem lugar, por exemplo, o ensaio de Simone Morandini (Paulus, 2011), sobre as fronteiras entre a teologia e a física, expandindo a colaboração de ambas ciências para uma visão mais abrangente e complexa universo e do mundo onde Deus quis se autocomunicar com o humano. Pela porta da ciência física, tal reflexão estabelece novos horizontes de pesquisa: as relações ciência-fé e seu impacto para a história e filosofias da ciência, para as matemáticas e a lógica e para a biologia; cuja importância enfatizou o Papa Francisco (LS, 63).

A possibilidade desta experimentação teórica, nos coloca hoje, as vantagens de ampliar o horizonte de diálogo entre a teologia católica e as teorias de complexidade, em especial com o método de Edgar Morin bastante validado no pós-pandemia do Covid (Morin, 2020), sob o convite de uma mudança de via para a humanidade, sempre a partir da religação e interligação dos saberes.

Parece-nos indispensável que haja uma verdadeira colaboração científica para que o ser humano transite de uma visão individualista, fragmentária e egocêntrica, para uma compreensão e prática comunal e fraterna, onde cada um seja capaz de observar-se em relação aos outros e com o cosmos que o circunda. Edgar Morin defende esta ideia no opúsculo “Fraternidade” (2019).

Tal inspiração levou-nos à tese de doutoramento defendida em 2025 (PUC-SP) edificada nas fronteiras entre a teologia católica e a complexidade de Morin, pelo caminho temático da fraternidade. A fraternidade, para o Papa, expressa a realidade de nossa coparticipação histórica e cósmica, pois todos viajamos no mesmo “barco” (*Fratelli Tutti* - FT, 32). Fraternidade, para Morin, expressa o espaço de interrelações onde o ser humano toma a consciência de poder participar ativamente do movimento cósmico de resistência do universo à crueldade e à barbárie e, por isso, tal fraternidade, em seu pensamento, expressa-se sob a forma de esperança (Morin, 2003, p. 274).

O presente artigo, apoiado na pesquisa bibliográfica para doutoramento do autor (Morbiolo, 2025a), ensaia o diálogo entre a teologia católica, expressada no magistério do Papa Francisco, e o método complexo de Edgar Morin, tendo em vista o conceito paradigmático da fraternidade que evidencia potencial transdisciplinar, convidando os colegas e parceiros de ciência à reflexão que tange ao sonho de Morin da religação dos saberes (Morin dir., 2007).

O primeiro item explora a validade indispensável do humanismo de Edgar Morin e do Papa Francisco, para que a humanidade possa sair do processo histórico de crise instaurado pela pandemia, reformada pela via de uma consciência renovada de si mesma, suas relações, e com o cosmos. Num segundo momento, delineamos a compreensão humanista de Morin a respeito da fraternidade. Em seguida, também o fazemos com o pensamento do Papa Francisco. Por fim, estabelecemos a articulação das perspectivas anteriores, evidenciando as junções e disjunções desse novo paradigma complexo.

2 DA CRISE PANDÊMICA AO HUMANISMO COMPLEXO DE MORIN

Antecipando-se, profeticamente, ao cenário pandêmico de reflexão, vivenciado há poucos anos, mas amparado pela realidade de um mundo em transformação não linear e não pacífica, e ainda marcado por conflitos geradores de morte e destruição de vidas humanas, o teólogo Andrés Torres Queiruga vislumbra:

O futuro bate irreversivelmente às portas da atualidade, mas ninguém pode compreender nem muito menos esboçar seu perfil concreto. A humanidade caminha, com efeito, rumo a novas configurações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas de tão radical novidade que rompe com todos os esquemas do presente (Queiruga, 2006, p. 6).

Ao longo do ano de 2020, no epicentro do furacão pandêmico, publicaram reflexões humanistas inúmeros pensadores de notoriedade internacional, entre eles, para efeito deste artigo, Edgar Morin e o Papa Francisco¹. Um e outro, a seu modo, estava à procura de oferecer lições à humanidade futura e sobrevivente, para aprender com os erros do passado e do presente, em vista de um futuro cuja novidade carregasse o sentido da sobrevivência sustentável do ser humano sobre a Terra.

A Encíclica do Papa Francisco (*Fratelli Tutti*), foi publicada em meio ao estado de emergência mundial, salientando que: ela “deixou a descoberto nossas falsas seguranças” (FT, 7), que “despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos” (FT, 32), que “obrigou, por força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais que nos benefícios de alguns” (FT, 33), fazendo “ressoar o apelo de repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência” (FT, 33); também “permitiu-nos recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem que, no medo, reagiram dando a própria vida. [...] compreenderam que ninguém se salva sozinho” (FT, 54). A pandemia ainda “evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável [...], devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre este pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas que precisamos” (FT, 168).

Para Edgar Morin, um “futuro imprevisível está em gestação hoje” (Morin, 2020, p. 22), em meio a uma crise profunda do paradigma do ocidente a respeito do significado do

¹ A pesquisa de doutoramento indicada na introdução apresenta outras colaborações indispensáveis (Morbiolo, 2025a, p. 142-143).

que é humano para a modernidade. Uma crise que decorre do fato “de uma cultura em que a Bíblia, os Evangelhos, a filosofia e as ciências humanas dissociaram radicalmente natureza e cultura, homem e animal” (Morin, 2020, p. 18), onde “o frenesi tecnoeconômico mundial, animado pela sede insaciável pelo lucro, é o motor da degradação” (Morin, 2020, p. 18) do ambiente vital do ser humano, e dele mesmo por consequência.

A resposta de Morin para o pós-pandemia é a necessidade de construção de uma cultura humana consciente de sua complexidade, que promova o diálogo e a integração entre todas as instâncias de relacionamento político onde interage o ser humano, por meio de uma consciência verdadeiramente ecológica de comunhão com a Terra, capaz de regenerar o conceito de humanismo (Morin, 2020, p. 55-94).

Entrementes, o Papa Francisco, por sua vez, no auge da pandemia, se propôs ao socorro concreto dos necessitados, convidando a “transformar a dor” (Francisco; Ivereigh, 2020, p. 14) dos que sofriam. Apontando para “o amor universal que promove as pessoas” (FT, 106-111). E que tem como fundamento o reconhecimento de “quanto vale o ser humano em qualquer circunstância” (FT, p. 106); por meio de um humanismo de fraternidade inspirado em São Francisco de Assis (Carbajo-Núñez, 2023; 2024).

No que tange ao tema do pós-emergência pandêmica, Edgar Morin e Papa Francisco convergem em suas reflexões. Há em Morin e em Francisco uma preocupação com a coletividade e com o todo da humanidade, convidando ao protagonismo em favor de uma nova via de humanidade, na vida de cada pessoa, nas relações com outras pessoas e nas instituições onde se encontram inseridas, favorecendo a construção de novas políticas e economias, que caminhem em direção do bem comum, e da convivência feliz no Planeta Terra (Morin; Kern, 2011).

Morin acrescentaria:

Ser humanista não é apenas pensar que fazemos parte dessa comunhão de destinos, que somos todos humanos, mesmo sendo todos diferentes; não é apenas querer escapar da catástrofe e aspirar a um mundo melhor; é também sentir no mais profundo de si que cada um de nós é um momento efêmero, uma parte minúscula de aventura incrível que, prosseguindo a aventura da vida, efetiva a aventura hominizante iniciada há sete milhões de anos [...] (Morin, 2020, p. 95).

E completaria:

[...] humanismo, a meu ver, não é apenas o sentimento de comunhão humana, de solidariedade humana, é também o sentimento de ser parte dessa aventura desconhecida e incrível, e ter a esperança de que ela continue para uma metamorfose, da qual nasceria um novo devir. Cada um é indivíduo, sujeito, ou seja, quase tudo para si mesmo e quase nada para o universo, fragmento ínfimo e infirme da antroposfera; mas alguma coisa, como um instinto, insere o que há de

mais interior à minha subjetividade nessa antroposfera, ou seja, liga-me ao destino da humanidade (Morin, 2020, p. 96).

A esperança humanista de Morin, não é uma ilusão romântica, mas está assentada sobre quatro princípios: o primeiro é o do surgimento do improvável, que a história ensina ser permanente; o segundo é o da regeneração, aprendido do funcionamento das células-tronco embrionárias do organismo humano; o terceiro afirma-se assim: “a oportunidade suprema é inseparável do risco supremo” (Morin, 2020, p. 93); e, finalmente, o quarto é a aspiração milenar da humanidade a outra vida e a outro mundo que alimenta a capacidade de reforma e transformação (Morin, 2020, p. 93-94).

A última pandemia expôs várias feridas humanas, entre elas uma ferida religiosa, eclesial e cristã, isto é, uma crise do sentido da fé e o risco da “indiferença egoísta” (Francisco, 2020, p. 14). Ao sujeito eclesial atual, o cristão católico, interpelado pelas novas consequências sociais e religiosas, ambigualmente moderno e contemporâneo, com os pés fincados no século XXI, impõe-se a responsabilidade e o desafio de estabelecer uma ponte de diálogo que dirima o silêncio imposto pelo “medo” (Francisco, 2020, p. 19-23), estabelecendo uma comunicação frutuosa que permita à humanidade avançar num mundo sem certezas, por meio de uma expressão de fé, de perfil humanista, e que “opera a partir do amor” (Queiruga, 2006, p. 8).

Por esse caminho de valorização de cada vida humana, o novo sujeito eclesial, enraizado no espírito do Concílio Vaticano II (1962-1965), mas também interpelado pelas vicissitudes pós-pandêmicas, ele é enviado em missão para a construção de um mundo novo, que se vai concretizando também no sonho de uma “Igreja samaritana” (FT, 67), e de uma teologia samaritana, isto é, uma Igreja e uma teologia que socorro aqueles que estão pelo caminho.

Uma nova Igreja e um novo estilo de teologia, mais humanos e dialógicos, em vista de um mundo mais humano e fraterno, e conforme Queiruga, por isso mesmo, mais próximos de uma nova imagem de Deus, edificada na solidariedade e na compaixão (Queiruga, 2006, p. 21-22).

3 NOVOS HUMANISMOS: A FRATERNIDADE DE EDGAR MORIN

Edgar Morin expressa em seu pensamento uma consciência fundamental a respeito da crueldade e da violência do mundo. Para ele, “nascemos na crueldade do

mundo e da vida [sendo ela] constitutiva do universo” (Morin, 2003, p. 272 – acréscimo nosso).

A violência; ou, as violências experimentadas pela humanidade ao longo de sua existência, expressam e realizam essa força de transformação e metamorfose que faz gerar o inesperado; e assim, a Terra que antes parecia caótica como “um planeta louco onde nada pode acontecer” (Baudrillard; Morin, 2004, p. 81), pelo princípio da auto-organização (que comporta autodestruição), manifesta historicamente o seu conceito de esperança, que poderia ser definido como o inesperado que surpreende por sua improbabilidade; pura expressão de criatividade. É o movimento subjacente às revoluções.

Em termos de humanismo, o ser humano, em sua concepção, sujeito na complexidade, ele é o lugar consciente onde o esforço cósmico desesperado do universo toma “a forma de uma resistência à crueldade do mundo” (Morin, 2003, p. 274), que Morin chama de esperança. E neste sentido, a humanidade consciente pode colaborar de maneira eficaz para realizar a esperança inesperada da continuidade e da transformação da vida no mundo.

E assim, num mundo em crise (Morin, 2010), ou em polícrises (Morin, 2013, p. 24-27), o que parece insinuar o caminho para o abismo (Morin, 2011b), pode pela nova via de humanidade (Morin, 2013), anunciar uma verdadeira transformação da sociedade em vista de algo completamente novo, pelo caminho do despertar da consciência (Morin, 2023), e da metamorfose do próprio ser humano.

Considerando estes pressupostos, uma expressão-chave para a reflexão de Morin expressa-se na ideia de “mudança de via” (Morin, 2013, p. 19): faz-se necessário uma mudança de caminho (e de método) para se alcançar a verdadeira transformação pessoal e social, isto é, para “ensinar a condição humana” (Morin, 2011a, p. 43-54) à humanidade. Tal reeducação da humanidade configura-se como uma transição da cegueira cognitiva, causada tanto pelo erro e pela ilusão (Morin, 2011a, p. 19-31), como também causada pelo modo fragmentado da ciência se expressar; inclusive pela universalidade do conhecimento que negligencia a localidade e suas características específicas, se fechando numa falsa racionalidade (Morin, 2011a, p. 33-42).

Faz-se, então, necessária, uma nova educação para a complexidade do ser e do saber onde “se extingam as ideias simplistas, reducionistas e disjuntivas, superando-as”

(Petraglia, 2011, p. 63-64). Uma mudança de via, que no pensamento de Morin, não é uma revolução propriamente dita, mas se expressa pela reflexão a respeito, e pela proposição de “ideias-guias e de propostas para abrir caminhos de transformação” (Morin, 2020, p. 55).

O atual caminho da humanidade a tem conduzido a uma verdadeira crise planetária (Morin; Kern, 2011, p. 65-98; Petraglia, 2011, p. 72-75), isto é, “crise da humanidade que não consegue se constituir como humanidade” (Morin, 2020c, p. 42): desastres ecológicos, políticos, sociais e humanos, impulsionados paradoxalmente pelo progresso da ciência, da técnica e da economia (Jarrosso, 1998).

Há ainda o perigo enunciado pelo surgimento dos assim chamados meta-humanos ou super-humanos, e pela ideia de um transumanismo, que exacerba a natureza em potência e poderes. Embora possa parecer uma ilustração de ficção científica, tal fato reflete a rejeição das relações humanas mais fundamentais, pelo ideal da simbiose homem-máquina, como forma de superação de si, ao invés da transcendência de si no outro e nos outros, fonte de amizade, fraternidade e solidariedade (Morin, 2019, p. 47-48). Desafio também denunciado na teologia católica do atual Papa Leão XIV (MH, 115-117).

Morin não teme crises e incertezas, antes, entende que algumas crises, agravando as incertezas, são terreno propício para questionamentos, e “podem estimular a busca de novas soluções” (Morin; Viveret, 2015, p. 9), o que seria saudável e positivo; ou, por outro lado, poderiam provocar a irrupção de reações patogênicas como a escolha de um bode expiatório, eximindo de responsabilidades a pessoa, o povo ou a sociedade.

Embora pareça contraditório, viver no mundo e em sociedade, corresponde, na estrutura deste pensamento, à arte de integrar ambiguidades e ambivalências próprias das pessoas e dos povos, em vista de um humanismo complexo, com respeito e diálogo, e amadurecer juntos com este fomento de consciência.

Para avançar por um caminho novo, assumindo e integrando a crise planetária, seria necessária a busca de um verdadeiro equilíbrio: de um lado, combinar a tendência à mundialização, que desertifica humana e economicamente os territórios, juntamente com o incentivo do poder local, que salvaguarda a vida das regiões (Morin; Wulf, 2003; Morin, 2019, p. 49).

Para que tal suceda, verifica-se indispensável a consciência do outro, ‘tu’ e ‘nós’, profundamente integrado também em suas ambiguidades e ambivalências, culturas,

valores e identidades, ao 'eu' de cada ser humano, e o movimento ao encontro dessa humanidade diversa. Neste sentido, a fraternidade para Morin é um pressuposto do sujeito reflexivo que compreende a necessidade do outro a si mesmo. Tal atitude fraterna não pode ser imposta, mas reside na liberdade de escolha de cada um, e na consciência de uma igualdade fundamental entre as pessoas, que as qualifica (Morin, 2019, p. 11-13).

Morin opõe-se à ideia de fraternidade fechada, ou nacionalista, como ele a denomina, que considera a própria nação como superior a qualquer outra, exercendo a opressão como direito presumido. Alia-se, por outro lado, ao que chama fraternidade aberta, onde o estrangeiro, o refugiado e o migrante, tem a oportunidade de experimentar pelo acolhimento o sentimento de inclusão e pertencimento, que ele chama de patriotismo (Morin, 2019, p. 14-15).

Na senda de evidenciar os fundamentos humanos da fraternidade, Morin os vê biologicamente enraizados na ajuda mútua e complementar, por meio das quais os seres humanos resistem “à crueldade de tudo que é predador, biofágico, concorrencial” (Morin, 2019, p. 21), criando solidariedades essenciais à sobrevivência da vida. Enquanto a concórdia cria organizações, a discórdia desintegra os sistemas, num processo contínuo presente desde o nascimento do universo nas partículas elementares, passando pelo nascimento e morte das civilizações, pelo processo que Morin chama de auto-eco-organização, sempre gerador de transformações, amadurecimento e novidades: nascimento dos astros, civilizações mais complexas (Morin, 2019, p. 22-24).

Antropologicamente, a fraternidade estaria enraizada na transformação das noções de paternidade e maternidade ao longo da história humana, especialmente na especialização da relação homem/mulher que se chama família, e na atribuição de poderes e lugar social aos que exercem tais funções (Morin, 2019, p. 25-26). Historicamente concretizada ou miticamente idealizada, a fraternidade parece envolver os seres humanos, adeptos a ela, em um calor afetivo familiar e protetivo de matiz materno, com sentido de pertencimento (Morin, 2019, p. 27-28).

O antípoda dessa experiência evidencia-se no fortalecimento do individualismo na sociedade contemporânea, pois “o confinamento das pessoas em seus nichos” (Morin, 2019, p. 37), não os dispõem para o contato com os problemas fundamentais e globais da vida em sociedade, podendo comprometer negativamente o sentido da solidariedade.

Há, então, dois grandes desafios atuais a integrar na noção e prática da fraternidade. De um lado, o que ele chama de mundialização, processo herdeiro da globalização, onde perigos globais se tornaram comuns (vírus, armas nucleares, químicas e informáticas, capazes de paralisar nações inteiras), a integrar com o tesouro da unidade e da diversidade partilhada (Morin, 2019, p. 40).

De outro lado, o fortalecimento das redes locais de ajuda mútua (privadas, pessoais, comunitárias e associativas) que poderiam fazer germinar esboços de uma civilização voltada para o florescimento pessoal na inserção comunitária, atuando como resistências espontâneas à máquina que reduz a vida humana à sua dimensão tecnoeconômica, e que torna o ser humano um objeto de cálculo; que ignora a afetividade, que busca de modo obsessivo e demente as maximizações, entre elas o delírio pelo lucro absoluto (Morin, 2019, p. 42-43). É o que Morin pretende ao defender a ideia de despolarizar e negociar.

Outro desafio à fraternidade são as guerras e conflitos causados pela confusão entre progresso técnico e científico, e desenvolvimento humano. O desenvolvimento humano mostra-se capaz de regenerar o humanismo pela solidariedade mútua, pelo domínio da técnica e pela transformação da ciência com consciência. O progresso técnico e científico, contudo, já se demonstrou trágico e degenerativo, conforme as experiências vivenciadas no século XX (Senra; Xavier; Morin, 2023, p. 122-123).

Enfim, o que preocupa Morin não é apenas a degradação da vida cotidiana, mas a degradação da solidariedade, e a desfiguração da complexidade do ser humano, e sua redução à animalidade, ignorando a cultura que amadurece e faz crescer pelo diálogo, com a qual precisa se religar (Morin, 2020, p. 18), para regenerar.

4 NOVOS HUMANISMOS: A FRATERNIDADE DO PAPA FRANCISCO

O teólogo João Décio Passos (2018) sintetiza assim a metodologia de reflexão do Papa Francisco: seus ensinamentos carregam uma singularidade, isto é, têm uma melodia original, e estão radicados numa teologia em saída, isto é, no exercício da fé pensada, geradora de uma “teologia concretamente situada” (Passos, 2018, p. 63-5), com interlocutores muito bem definidos: os pobres, o povo de Deus, outros povos; todos, na Casa Comum. No pensamento do Papa, que representa o fim da era constantiniana, a Igreja Católica, por ele representada, toma a consciência de que a caridade, a primazia da

Palavra, a missão e a opção pelos pobres, e não os privilégios políticos, é o que devem caracterizá-la (Molina, 2017). Alí, se articulam tradição e doutrina, preservação e renovação, a norma e o discernimento (Passos, 2018, p. 18-36).

Francisco é herdeiro do Vaticano II, radicado a seu modo, no método “ver-julgar-agir”, como poderia se esperar de sua experiência episcopal latino-americana, e um grande exercitador do método inaciano, como um jesuíta bem vocacionado (Ferreira, 2016, p. 226; Passos, 2018, p. 45-56; Brighenti, 2022, p. 200-202; Souza, 2023, p. 13-27). Tudo isto, justifica, a necessária articulação social (política, econômica, cultural) na estrutura do seu pensamento.

A reflexão do Papa sobre a fraternidade e a amizade social parte da constatação de uma realidade na qual dominam “as sombras dum mundo fechado” (FT, 9-55), diante da qual parece impossível e incerto profetizar a esperança. Curiosamente, na proposta do Papa, como na de Morin, o caminho de saída parte de quem se é e dos valores que se tem, mais do que dos obstáculos enxergados ou crise enfrentadas.

Um mundo fechado precisa ser aberto pela solidariedade comum, que nutre a amizade local e a fraternidade universal, inspirada nas referências bíblicas com respeito ao Bom Samaritano (FT, 56; Lc 10,29-37), e emoldurada por uma eclesiologia de comunhão que concretize o sonho de uma Igreja samaritana, um verdadeiro sacramento da caridade e da misericórdia de Deus no mundo, “a fim de iniciar e gerar novos processos e transformações” (FT, 77), que carreguem a esperança de uma nova humanidade.

Há aqui também, nesta expressão contemporânea de magistério petrino, o desejo e o sonho da reconstrução de um humanismo, inspirado na fé cristã, que inclua: “o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e servir a todos” (FT, 86).

Um humanismo fundado na prerrogativa fundamental do amor cristão, como “critério para decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade da vida humana” (FT, 92). Um humanismo não partidário de opções políticas e econômicas, e também sociais, unilaterais e, por isso mesmo, ideológicas, fechadas em si mesmas, opiniões mantenedoras de grupos de poder, individualistas ou coletivistas, não geradoras de diálogo salutar entre os seres humanos (FT, 11).

Um humanismo pautado na caridade, que parta também da consciência humana de ser povo – integradas suas dimensões mítica e institucional, a saber: uma identidade comum, que implica à sua luz, “um caminho eficaz de transformação da história que exige incorporar tudo: instituições, direito, técnica, experiência, contribuições profissionais, análise científica, procedimentos administrativos [...]” (FT, 163), em vista do bem comum e da paz.

Antes de ser feito Papa Francisco, Cardeal Bergoglio já ensinava que “os cristãos são um povo com um projeto de fé, isto é, colaborar para que todos reconheçam que Deus é Pai, que os justifica, e deseja que sejam irmãos” (Morbiolo; Nobre, 2022, p. 175; Bergoglio, 2014, p. 41-42). E que ser povo não é uma coisa simples, mas uma categoria complexa e “carregada de sentido, de emoção, entretecida com histórias de luta, esperança, vida, morte e até de traição” (Bergoglio, 2014, p. 269); ser povo, portanto, comporta tais paradoxos.

Em suas palavras: o “amor como realidade mais profunda do vínculo social” (Bergoglio, 2014, p. 277) manifesta as raízes mais profundas de ser povo. Neste sentido, a Igreja também se entende como povo, Povo de Deus (*Lumen Gentium* – LG, 9-17), “um povo com muitos rostos, e exprime essa verdade de inúmeras maneiras diferentes, de acordo com cada cultura”, com um destino partilhado e harmonias surpreendentes (Francisco; Ivereigh, 2020, p. 115-119).

Às “sombras dum mundo fechado” (FT, 9-55), abre-se na esperança, pelo caminho estranho da solidariedade (FT, 114-117), a possibilidade de pensar e gerar um caminho aberto para mundo (FT, 87-127); localmente pautado em “um coração aberto ao mundo inteiro” (FT, 128-153), globalmente em comunhão com todos os povos e com a Casa Comum da humanidade (FT, 17).

Para tanto, Francisco entende que se faz necessária uma política melhor “colocada a serviço do bem comum” (FT, 157). Uma política que não se submeta aos interesses econômicos (FT, 177), que não se submeta a interesses mesquinhos e imediatos, como os fins eleitorais (FT, 178), mas “capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas” (FT, 177). Uma política sadia e com um projeto de humanidade, integrada num “projeto político, social, cultural e popular que vise o bem comum” (FT, 179). De fato, como também pensaria Morin, uma política para transformar a crueldade e a violência do mundo (Morin,

2013, p. 51-180), pois pela regeneração do pensamento político, este “deveria estar apto a pensar a era planetária e a preparar a Via da salvação comum” (Morin, 2013, p. 56).

Francisco também expressou sua preocupação com as crueldades sociais atuais: o descarte mundial que manifesta e acentua a pobreza; e o desperdício de bens, como de alimentos, e o descarte das pessoas (FT, 18-21).

As guerras e os atentados, as perseguições raciais e religiosas, e todas as outras afrontas à dignidade humana geram conflitos violentos ao redor do mundo, afrontando o “projeto de fraternidade humana” (FT, 25-28). No seio dessa crueldade ainda subsistem aqueles que abusando do sentimento religioso dos corações, insistem em usar o Nome de Deus para disseminar o terror (FT, 285).

Não são poucas as outras formas de violência que impõem sofrimentos indizíveis aos seres humanos: as novas formas de colonização cultural (FT, 14), o modo individualista e consumista que persiste na humanidade mesmo depois de flagelos e pandemias (FT, 36), a agressividade midiática gerada por atitudes fanáticas (FT, 46), o desrespeito para com o estrangeiro e o migrante (FT, 61), as desigualdades financeiras que ameaçam o tecido social (FT, 168). Assume-se a estas violências aquela que é praticada como legítima defesa desproporcional e destrutiva, sinal de indiferença egoísta ao diálogo (FT, 199).

No outro extremo da constatação global da crueldade, e para edificar a arquitetura e o artesanato da paz (FT, 228-232), faz-se indispensável superar localmente a violência que fere em cada ser humano a carne da humanidade (FT, 227). Sem a virtude da amabilidade não se extingue a violência e a crueldade. E isto significa objetivamente: tratamento respeitoso, cuidado para não magoar com palavras e gestos, esforço de aliviar o fardo dos outros, dizer palavras que incentivam e confortam, abolir palavras que humilham e angustiam (FT, 223). Deste modo, “a amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também tem direito de ser felizes” (FT, 224).

Tal demonstração afetiva e local de humanidade, também identifica a reflexão de Francisco com a de Morin, na busca de uma nova sociedade humana, pautada num humanismo regenerado. E mais uma vez, não são apenas estruturas novas, mas pessoas regeneradas em vista do bem comum do povo, de todos, do todo da humanidade;

verdadeiros “artesãos da paz, prontos a gerar [...] processos de cura e de um novo encontro (FT, 225).

Para Francisco este processo de cura comemora a coragem de contemplar a verdade histórica (FT, 226-227), a proximidade dos mais pobres e vulneráveis, mais atingidos pela violência dos processos históricos e sociais (FT, 233-235), tendo em vista a necessidade do perdão para a superação de conflitos inevitáveis e as lutas legítimas por direitos (FT, 236-243).

A verdadeira superação vence pelo diálogo e pela negociação (FT, 244-245), com a consciência de que perdoar não é esquecer, e que o perdão de um ou outro não corresponde ao perdão social (FT, 246-254); antes, há males, que nunca devem ser absolvidos socialmente, para que não sejam esquecidos e jamais voltem a suceder como erros de humanidade.

O Papa enfatiza, por último, que a guerra e a pena de morte são respostas falsas, e “não resolvem os problemas que pretendem superar” (FT, 255), carregando em si a injustiça pela desproporção e abuso de poder, embora possam estar guarnecidas da sugestão do princípio de legítima defesa ou justa retribuição (FT, 256-270). Morin também fala de pensar “a barbárie no século XX” (Morin, 2009, p. 73-108), e da necessidade de reformas que garantam a “redução das barbáries” (Morin, 2013, p. 168-180), equilibrando e integrando as noções de justiça e a repressão necessária à criminalidade, sem “reduzir o criminoso aos seus crimes, mas [reconhecendo] que existe nele uma parte de humanidade bloqueada que pode revelar-se” (Morin, 2013, p. 180 – acréscimo nosso).

Enfim, no pensamento de Francisco, contra uma guerra mundial em pedaços (FT, 25), fragmentada, haveria de se opor a solidariedade cristã radicada no amor, que resgata a unidade substantiva e subjacente à humanidade como um todo, em cada encontro fraterno, pessoal ou comunitário.

5 NOVOS HUMANISMOS - A MESMA FRATERNIDADE

O caminho metodológico para um novo humanismo, que supere a violência e a crueldade, no pensamento de Morin e de Francisco, se identificam em muitos pontos congruentes, e se iluminam mutuamente, embora radicados em pressupostos epistemológicos distintos. Contudo, mesmo transitando por referenciais distintos, ambos conversam sobre a necessidade de um esforço solidário que dialogue com as

necessidades locais e globais urgentes, preservando o local, integrando gentilmente ao global, sem generalizações, para que a humanidade possa acreditar na esperança, como vontade de mudança (e habitar na esperança, realizando as mudanças possíveis, mesmo que discretas).

No pensamento de Morin, a violência como componente animal e cultural, certamente continuará evocando transformação e metamorfose, inclusive revoluções por meio de muitas crises de humanidade (Morin, 2013, p. 37-39). Tais processos precisam ser integrados como componentes de identidade, fazendo a humanidade avançar para um novo estágio, caso não pare nesses obstáculos, mas os utilize como trampolim de crescimento e desenvolvimento, isto é, para a regeneração das suas capacidades criadoras:

É na metamorfose que se regenerarão essas capacidades criadoras. A noção de metamorfose é mais rica do que a evolução. Ela conserva sua radicalidade inovadora, mas conecta-a à conservação (da vida, das culturas, da herança de pensamento e sabedorias da humanidade). (Morin, 2013, p. 39).

A reflexão de Francisco, ao evocar a figura bíblica revolucionária do Bom Samaritano aponta na direção da superação de preconceitos e na constituição de um novo povo solidário: uma Igreja, cuja ação ou prática, esteja edificada na generosidade do amor; a figura do Bom Samaritano, e a fraternidade que inspira, tem potencial de metamorfose humana, eclesial e social.

Por isso, tem sentido a exortação do Papa para que as religiões se coloquem a serviço da fraternidade no mundo e à defesa da justiça na sociedade, favorecendo o diálogo, tanto pela diplomacia, amabilidade e tolerância, como também pela amizade, paz, harmonia e partilha de valores e experiências morais e espirituais, motivados pela honesta busca da verdade e pelo amor (FT, 271).

Morin, também o enfatiza, quando sugere que a crise planetária da qual fala, decorre entre outros fatores, de um afastamento do universo religioso, como também da filosofia e das ciências humanas, da dimensão natural e cultural do homem, inclusive separando e dissociando estas duas dimensões, sendo indispensável a religação destes saberes (Morin dir., 2007) e de outros ainda, para a superação da crise e o aprendizado com ela (Morin, 2020, p. 18).

Francisco dialoga com homens da religião, da teologia e da ciência, manifestando atitude de verdadeira comunhão eclesial com os pensadores atuais, entendendo sua importância e colaboração para a edificação da paz (EG, 238-258)².

De fato, como pensa Morin, para além da escolha de alternativas, numa atitude intelectual dualista, faz-se necessário para a nova via de humanidade, a atitude da simultaneidade que integra os opostos (Morin, 2013, p. 41-45). Tal integração, primeiro provoca a reforma, na educação, do sujeito, protagonista da transformação, “alargando” a concepção que tem si, sua maneira de pensar e de agir em sociedade, atribuindo-lhe nova e mais ampla consciência; depois, por meio desse novo sujeito, e de outros, assim regenerados, chega-se ao “tu” e “nós”, integrando-os dialogicamente, e com esperança, chega-se a todos.

Tal alargamento de si, promove um movimento imediato e local (edificado na amizade social, usando uma expressão de Francisco), isto é, o que é de cada um, ou de um grupo ou comunidade, colocado a serviço do próximo, ou de outro conjunto de pessoas. O impacto deste movimento, que o amplifica, é progressivo e imitável, e expande-se na direção universal, podendo produzir um movimento capaz de criar uma rede de solidariedade comum que integra e abastece, partilha e multiplica. É, de fato, o potencial de uma nova humanidade edificada no amor social, fundamento da amizade e da fraternidade universal para os cristãos, onde em cada pessoa, em cada coração e consciência, passa a caber uma preocupação moral e ética para com o mundo inteiro (verdadeira cidadania planetária, na linguagem de Morin).

Entenda-se aqui o amor social, como advém do magistério de Francisco, como força capaz de fazer “avançar para uma civilização do amor a que todos podemos nos sentir chamados” (FT, 183); é a caridade capaz de edificar um mundo novo, suscitando novos caminhos de enfrentamento dos problemas dos tempos, buscando renovar a partir do coração humano as estruturas sociais, organizações e ordenamentos jurídicos, nos quais subsiste a humanidade como sociedade.

O amor social é um amor não reduzido ao sentimento ou ao desejo, ou a um conjunto de palavras que o professem, mas se constitui na atitude de um amor eficaz,

² Além dos encontros com autoridades religiosas entre elas o Patriarca Bartolomeu I e o Imã Al-Tayyeb, o projeto “Economia de Francisco” mostra-se um sinal concreto do esforço interdisciplinar do Papa (cf. <https://francescoeconomy.org/>), como também projeto do “Pacto Educativo Global” (cf. <https://www.educationglobalcompact.org/>).

preocupado com a integridade da vida do próximo (FT, 183-185); e que realiza e fundamenta o amor político, criando condições estáveis e duradouras para que os problemas sociais que atingem uma pessoa ou conjunto de pessoas, não voltem a afligi-los no porvir, solucionando-lhes a causa social. Na linguagem de Morin, este amor político carrega uma ação recursiva, pois por meio dele, o sujeito regenerado em humanismo, transforma estruturas em vista do “tu” e “nós”, e para todos.

Parafraseando Francisco: ajudar um idoso a atravessar um rio é um ato cristão de caridade, obra de misericórdia e amor social que expressa proximidade e compaixão, mas construir uma ponte para que este idoso (ou outros, quem quer que sejam) não sofra mais este infortúnio, gera o amor político (FT, 186). O amor político manifesta verdadeira preocupação universal; e um novo projeto de humanidade, por excelência (FT, 66).

Em relação com o pensamento de Morin, a ideia de amor político, indicada acima desde o pensamento de Francisco, por meio da consciência reflexiva de si e do mundo, tem potencial de manifestar “uma nova ética da solidariedade, que implica mudança de atitude e perspectiva diante da vida” (Petraglia, 2011, p. 106); o humano tornando-se humano e se apropriando da consciência de suas dimensões fundamentais.

Michel Serres diria que o “humanismo supõe que nós conheçamos o homem” (Serres, 2015, p. 283), que possamos contar sua história evolutiva terrestre. No pensamento de Morin, sua concepção de identidade humana, comporta a noção de hominização, isto é, do caminho histórico no devir do tornar-se humano, integrando suas dimensões fundamentais: indivíduo, sociedade, espécie (Morin, 2007b, p. 51-55); e assim: “o proto-humano só se torna plenamente humano quando o conceito de homem comporta uma dupla entrada: uma entrada biofísica e uma entrada psico-sócio-cultural, uma remetendo a outra” (Morin, 2007a, p. 34). No caminho da hominização, tem lugar em Morin, a noção de ética (Morin, 2007b): o ser humano deve passar pelo processo de autoética (própria do indivíduo), de sócioética (ética da comunidade) e de antropolítica (ética da condição humana), para assumir sua condição de humanidade e sua cidadania planetária (Petraglia, 2011, p. 30; Petraglia, 2000; Moraes; Petraglia, 2021).

Assim, Morin entende que “a missão antropolítica-política do milênio é realizar a unidade planetária na diversidade” (Morin, 2007b, p. 165), tendo em vista “à crueldade do mundo e à barbárie humana” (Morin, 2007b, p. 199), que primeiro deve ser resistida no interior de si mesmo (Morin, 2007b, p. 101-102), pelo caminho da compaixão e da

compreensão (Morin, 2007b, p. 200-201) e pela aceitação do mundo, e uma vez que “não podemos extirpar a loucura, aderir à vida apesar de seus horrores, aceitar a crueldade objetiva que nos faz viver da morte de outros, mas recusar a crueldade subjetiva que consiste em querer fazer mal, fazer sofrer, torturar” (Morin, 2007b, p. 201). E realizar a vida humana por meio do amor que, para Morin, constitui “a fé ética” (Morin, 2007b, p. 202), que permite viver na incerteza e na inquietude.

Quando falava de como sair do século XX, duas palavras ressoavam com fundamental importância, associadas ao que foi dito acima, são elas: resistir e mudar, com seguem explicitadas:

Devemos resistir ao nada. Devemos resistir às formidáveis forças de regressão e morte. Em todas as hipóteses, é preciso resistir. Deter a morte é resistir. Lutar contra a barbárie é resistir. O futuro não é mais a refulgente marcha para a frente, ou melhor, a refulgente marcha para a frente das ameaças de dominação e destruição às quais também é preciso resistir. [...] Ao mesmo tempo, devemos saber que só poderemos vencer a ameaça mortal por uma transformação muito grande e múltipla que possa revolucionar as condições do problema. (Morin, 1986, p. 355-356).

O amor político manifesta concretamente o incentivo para religar o espiritual e o temporal na edificação das bases de um humanismo regenerado (também para a teologia), notadamente cristão, mas aberto ao diálogo; a serviço do bem comum, sem descartados e excluídos, superando toda a divisão, indiferença, ódio e violência, e crueldade do mundo. O amor político, no bojo da fraternidade que inspira, faz Morin e Francisco apontarem na mesma direção de um novo projeto de humanidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano, o mundo e a cultura que conhecemos está em constante transformação há bastante tempo. Este mundo refere-se à natureza e ao meio ambiente, chamada Casa Comum da humanidade pelo Papa Francisco. A cultura humana, produto do modo de pensar e de agir de agir do ser humano, foi convidada pelo recém-falecido Papa ao processo de conversão à amizade social e à fraternidade universal. Para os cristãos, o mundo não é mal, pois provém da ação do Espírito Criador; embora a maldade, a violência e a barbárie estejam presentes no mundo, e possam por vezes guiar o coração dos homens e mulheres por caminhos de guerra, sofrimento e dor, tergiversando a ordem cósmica original.

Assim, as conversões ou metamorfoses são indispensáveis para o processo de humanização (ou hominização) do ser humano: há intentos, fruto do gênio humano, guiados pela astúcia e sede de poder e acumulação, que se não ruírem, jamais se poderá entrever um mundo novo de convivência pacífica entre os povos e nações, também gentil com as religiões (Morbiolo, 2025b). É urgente a emergência de um novo paradigma para o ser e para o saber!

Ainda no Policlínico Gemelli (26, fev., 2025), o Papa Francisco falando aos membros da Pontifícia Academia para a Vida, refletia:

A Assembleia deste ano propôs a vocês enfrentar a pergunta que agora é chamada de 'policrise'. [...] O termo 'policrise' evoca o drama da situação histórica que estamos experimentando, na qual guerras, mudanças climáticas, problemas energéticos, epidemias, fenômeno migratório e inovação tecnológica convergem. O entrelaçamento dessas questões críticas, que simultaneamente tocam diferentes dimensões da vida, nos leva a nos questionar sobre o destino do mundo e nossa compreensão dele (Francisco, 2025).

Papa Leão XIV, nos primeiros dias de pontificado, discursando à Fundação *Centesimus Annus pro Pontifice* (17, mai., 2025), recorda e enfatiza:

O Papa Francisco utilizou o termo “policrise” para evocar o drama da situação histórica que vivemos [...]. Sobre questões de tamanha importância, a Doutrina Social da Igreja é chamada a fornecer chaves interpretativas que coloquem ciência e consciência em diálogo, dando assim uma contribuição fundamental ao conhecimento, à esperança e à paz (Leão XIV, 2025).

Edgar Morin, juntamente com Anne-Brigitte Kern, no livro “Terra-pátria” (1993), cunhou a expressão “policrise” para expressar uma situação de múltiplas crises interconectadas e que se amplificam mutuamente, tornando-se difíceis de gerenciar ou resolver de forma isolada. Em outras palavras, a “policrise” é um estado de complexidade crescente, onde diferentes crises se combinam e se agravam, formando um cenário desafiador para a sociedade (Morin; Kern, 2011). A aproximação da reflexão de Francisco e Leão, do pensamento de Morin, pela expressão “policrise” nos faz entrever que as fronteiras entre estes horizontes epistemológicos, se faz encurtar cada vez mais.

Edgar Morin, embora cético com relação às religiões reveladas, era certamente um homem religioso, místico e de fé, como ele mesmo se autodefine (Morin, 2002, p. 22). O presente artigo não tem por objetivo reduzir a amplitude de sua teoria complexa ao ambiente científico-teológico cristão-católico. Muito menos confinar o pensamento do Papa Francisco ao seu sistema de complexidade. Em tudo, procuramos respeitar e

desenvolver os estatutos epistemológicos de ambas ciências: a teologia magisterial representada pelo Papa, e o método complexo desenvolvido por Edgar Morin.

Assim sendo, a ideia aqui ensaiada de uma fraternidade complexa é antes de tudo dialógica, isto é, comporta o esforço de encontro com o “tu” e o “nós”, como ainda das realidades que desordenam esta relação. Pelo princípio da recursão organizacional, rompe-se com o pensamento linear, de modo que o ser humano em relação com outro ser humano, constantemente se permite aprimorar o modo como entende e realiza este relacionamento; neste ínterim, faz-se oportuno recordar que depois dos encontros com o Patriarca Bartolomeu e com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, o Papa Francisco se reformou na sua comunicação, em seus documentos, assumindo as razões desses encontros e diálogos como sua identidade de reflexão e de posição.

Pelo princípio hologramático, tal fraternidade compreende cada pessoa e cada povo, no todo poliédrico dum único povo, cada qual com características próprias que não devem ser anuladas, mas integradas, representando as nuances individuais na unidade dessa realidade múltipla.

Tal fraternidade ainda precisa ser sistêmica ao ligar e integrar o conhecimento das partes. Precisa ser admitida como auto-eco-organizativa, na medida em que integra as autonomias e as dependências das partes envolvidas. Pelo princípio retroativo, precisa capacitar para transformação das motivações de cada encontro fraterno, inserindo alí, pelo princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, a experiência dialógica adquirida.

Na noção de complexidade de Morin, aquilo que se manifesta como oposição, desafio, crise, ambiguidade e paradoxos, na verdade, acrescentam qualidades ao fenômeno. Assim, qualquer desafio de síntese do pensamento dos pensadores aqui considerados, se apresenta como fomento de continuidade na reflexão e na ação, sem perder de vista a esperança de vencer a crueldade do mundo, pelo caminho da fraternidade realista e complexa.

Este ensaio também não ignora os desafios, elencados por Mario de França Miranda, a respeito da interpretação diferente da noção universal de fraternidade para as outras religiões; também entende que a noção apresentada pelo Papa Francisco está radicada no substrato judaico-cristão, o que certamente desafia o diálogo inter-religioso (Miranda, 2021); justamente, por isso, se identifica com a meta humanista de um

dinamismo que defenda e promova a dignidade da pessoa em alcance universal, para buscar salvar a humanidade onde quer que esteja radicada cultural e socialmente (Miranda, 2021, p. 277).

O desafio também para a teologia, como para a complexidade, na teoria e na prática (academia e vida), se mostra assim: o de criar um caminho pedagógico que permita transitar da pedagogia do egoísmo, já institucionalizada há muito, à pedagogia da fraternidade (Messias, 2023). Um caminho complexo de vida para todos.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgar. **A violência do mundo**. RJ: Anima Editora, 2004.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. 2. ed. ver. e ampl. SP: Paulus, 2002.

BERGOGLIO, Jorge Mario. **Educar: escolher a vida e testemunhar a verdade**. SP: Ave-Maria, 2014.

BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

BRASILEIRO, Eduardo *et al.* (org.). **Transformações teológicas na América Latina**. Novos horizontes para a libertação. SP: Paulus, 2023.

BRIGHENTI, Agenor. **O método ver-julgar-agir: da ação católica à teologia da libertação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2022.

CARBAJO-NÚÑEZ, Martín. Inteligência artificial e humanismo de fraternidade. **REB**. Petrópolis/RJ: v. 84, n. 328, p. 479-499, mai.-ago., 2024.

CARBAJO-NÚÑEZ, Martín. **La fraternité universelle**. Racines franciscaines de “Fratelli tutti”. Paris/FR: Médiaspaul, 2023.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco e o método? Considerações sobre o método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar** (FAJE), v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016.

FRANCISCO, Pp.; IVEREIGH, Austen. **Vamos sonhar juntos**. O caminho para um futuro melhor – em conversa com Austen Ivereigh. RJ: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, Pp. **Encíclica “Fratelli Tutti” sobre a fraternidade e a amizade social** (03, out., 2020). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 20, jun., 2026.

FRANCISCO, Pp. **Encíclica “Laudato Sí” sobre o cuidado da Casa Comum (24, mai., 2015).** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 20, jun., 2026.

FRANCISCO, Pp. **Exortação apostólica “Evangelii Gaudium” sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24, nov., 2013).** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 20, jun., 2026.

FRANCISCO, Pp. **Messaggio del Santo Padre Francesco ai partecipanti all’Assemblea Generale della Pontificia Accademia per la Vita (03, mar., 2025).** Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2025/03/03/0161/00337.html>. Acesso em: 20, jun., 2026.

FRANCISCO, Pp. **Vida após a pandemia.** Brasília/DF: CNBB, 2020.

GIBELLINI, Rosino. **La teología del siglo XX.** Maliaño, Cantabria/ES: Editorial Sal Terrae, 1998.

GONZALO, Luis Aranguren; PALAZZI, Félix (ed.). **Nuevos signos de los tiempos.** Diálogo teológico ibero-latino-americano. Madrid/ES: San Pablo, 2018.

JARROSSON, Bruno. **Humanismo e técnica.** O humanismo entre economia, filosofia e ciência. Lisboa/PT: Instituto Piaget, 1998.

LEÃO XIV, Pp. **Discurso do Papa Leão XIV aos membros da fundação “Centesimus Annus pro Pontifice” (17, mai., 2025).** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250517-centesimus-annus-pro-pontifice.html>. Acesso em: 20, jun., 2026.

LEÃO XIV, Pp. **Encíclica “Magnifica Humanitas” sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial (15, mai., 2026).** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/encyclicals/documents/20260515-magnifica-humanitas.html>. Acesso em: 28, jun., 2026.

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se.** 3.ed. SP: Loyola, 2002.

MESSIAS, Elvis Rezende. Da pedagogia do egoísmo à pedagogia da fraternidade. **Encontros Teológicos.** Florianópolis/SC, v. 38, n. 3, p. 937-964, set.-dez., 2023.

MIRANDA, Mario de França. Fraternidade: uma noção universal? **REB.** Petrópolis/RJ: v. 81, n. 319, p. 264-279, mai./ago., 2021.

MOLINA, Dumar Iván Espinosa. Francisco: El papa del fin de la era constantiniana. **Revista Cuestiones Teológicas.** Medellín-Colômbia: v. 44, n. 102, p. 347-372, jul./dic., 2017.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia** (1984). Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/teologia_\(Enciclopedia-del-Novecento\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/teologia_(Enciclopedia-del-Novecento)). Acesso em: 20, jun., 2026.

MORAES, Maria Cândida; PETRAGLIA, Izabel. Epistemologia de Terra-Pátria para uma nova cidadania planetária. **Eccos - Revista Científica**. São Paulo, n. 57, p. 1-15, abr./jun., 2021.

MORANDINI, Simone. **Teologia e física**. SP: Loyola, 2011.

MORIN, Edgar. A crueldade do mundo. In: MORIN, E. **Meus demônios**. 4.ed. RJ: Bertrand Brasil, p. 271-274, 2003.

MORIN, Edgar (dir.). **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 6.ed. RJ: Bertrand Brasil, 2007.

MORIN, Edgar. **A Via para o futuro da humanidade**. RJ: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura e barbárie europeias**. RJ: Bertrand Brasil, 2009.

MORIN, Edgar. **Despertemos!** Um chamado para o despertar das consciências. RJ: Bertrand Brasil, 2023.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. RJ: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. SP: Palas Athena, 2019.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana**. 4.ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2007a.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 3.ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2007b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2.ed. SP: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2011a.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. RJ: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. RJ: Bertrand Brasil, 2011b.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. 6.ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise**. 2.ed. RJ: Bertrand Brasil, 2015.

MORIN, Edgar; WULF, Christoph. **Planeta**: a aventura desconhecida. SP: UNESP, 2003.

MORBIOLO, Rodolfo Gasparini. **A fraternidade universal no pensamento do Papa Francisco**: lugar teológico e princípio hermenêutico cristão para a restauração do humanismo em diálogo interdisciplinar complexo com Edgar Morin. Tese em Teologia. SP: PUC-SP, 2025a. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/45066>. Acesso em: 20, jun., 2026.

MORBIOLO, Rodolfo Gasparini. Crises, polícrises e um mundo em colapso. **IHU – On line**, 11, jun., 2025b. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/653173-cries-policrisis-e-um-mundo-em-colapso-artigo-de-rodolfo-gasparini-morbiolo>. Acesso em: 20, jun., 2026.

MORBIOLO, Rodolfo Gasparini; NOBRE, José Aguiar. A sinodalidade e a educação como propostas de escuta e diálogo. In: LOPES, Antonio de Lisboa Lustosa; SANTOS, Thales Martins (org.). **Sinodalidade e pastoralidade**: olhares diversos. SP: Paulus, p. 165-187, 2022.

PASSOS, João Décio. **Método teológico**. SP: Paulinas, 2018.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. SP: Paulinas, Paulus, 2015.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Complexidade e auto-ética. **Eccos Ver. Cient.** UNINOVE/SP: v. 2, n. 1, p. 9-17, jun., 2000.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. 13.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Um Deus para hoje**. 3.ed. SP: Paulus, 2006.

SENRA, A. V. D.; XAVIER, M. G.; MORIN, E. Entrevista com Edgar Morin. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v.4, n. 2, p. 121-129, 2023.

SERRES, Michel. **Narrativas do humanismo**. RJ: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, Ney de. Francisco, filho do Concílio e da teologia latino-americana. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de; SOUZA, Ney de. **10 anos de Francisco**: balanço e perspectivas. SP: Recriar, p. 13-27, 2023.

VATICANO II. **Constituição dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja (21, nov., 1964)**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 20, jun., 2026.